19º Encontro Conversando sobre Extensão (CONEX) e 4º EAEX - Encontro Anual de Extensão (EAEX)

Resumo Expandido Modalidade A: "Apresentação de programas, projetos, ações, atividades e pesquisas advindas da extensão universitária"

ÁREA TEMÁTICA: (marque a área temática correspondente ao trabalho que foi indicado no momento da inscrição)

( ) COMUNICAÇÃO

(X) CULTURA

( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

( ) EDUCAÇÃO

( ) MEIO AMBIENTE

( ) SAÚDE

(X) TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

( ) TRABALHO

TRANSCRIÇÃO DE *LIVES* COMO APOIO À PRODUÇÃO ACADÊMICA E LITERÁRIA DE PESQUISADORES/AS E ESCRITORES/AS INDÍGENAS NO COLETIVO DE ESTUDOS E AÇÕES INDÍGENAS (CEAI)

Emily Oliveira Lazarini[1]

Camila Aparecida de Castro[2]

Letícia Fraga[3]

Resumo: As transcrições de vídeos de *lives* realizadas por pessoas indígenas são de extrema importância e podem ser feitas de forma literal ou ainda de forma a adequar a modalidade oral ao registro de linguagem que vai ao encontro dos objetivos que se pretende atingir com aquela transcrição. Existem pesquisas que revelam que pouco depois de uma palestra de 10 minutos de duração, o ouvinte médio terá assimilado apenas metade de seu conteúdo; 48 horas depois, as pessoas provavelmente se lembrarão somente de 10% do que ouviram. Os trabalhos revelam também que a transcrição de material em áudio ou audiovisual de eventos realizados com a participação de pessoas indígenas possibilita que estes possam ser divulgados por escrito em diversos veículos (desde posts em blogs, redes sociais), inclusive servindo de base para material acadêmico (TCC, Dissertações, Teses, artigos etc.) e literário, pois pode dar origem a livros, que podem ser acessados por quem se interessar pelos debates realizados por indígenas, que tanto nos ensinam coisas fundamentais. É um trabalho que o Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI) considera fundamental para que a escrita de autoria indígena possa ser mais divulgada.

[1] Membro de execução de projeto de extensão; UEPG; Letras; eoliverlazarini@hotmail.com

[2] Membro de execução de projeto de extensão; UEPG; Letras; camilaapcastrocastro@gmail.com

[3] Coordenadora de projeto de extensão; UEPG; DEEL; leticiafraga@gmail.com

Palavras-chave: Povos Indígenas. Transcrição de vídeos. Autoria indígena. Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI).

NOME DO PROGRAMA OU PROJETO

Saberes outros: Estudos e ações indígenas 2ª edição.

PROJETOS VINCULADOS

Vinculado ao Programa de Extensão Laboratório de Estudos do Texto (LET)

PÚBLICO-ALVO

Professores indígenas e não indígenas, em formação inicial ou continuada das escolas participantes. De forma indireta, alunos das escolas indígenas e não indígenas participantes.

MUNICÍPIOS ATINGIDOS

Município de Ponta Grossa e outros municípios em que haja terras indígenas (Mangueirinha, Cândido de Abreu, Ortigueira etc.).

LOCAL DE EXECUÇÃO

Esse trabalho foi realizado na cidade de castro pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, por via remota levante em conta o momento em que estamos passando.

JUSTIFICATIVA

Esse projeto se justifica pelo fato de que, ainda atualmente, a versão "oficial" da história do Brasil e da América Latina, que prevalece em livros didáticos, é contada a partir do ponto de vista do colonizador. Diferentemente da ideologia que se tentou implantar no México, de que todos são mestiços, "no Brasil, a política de genocídio dos povos indígenas, aliada à política de branqueamento da população afrodescendente gerou uma outra narrativa nacional, na tentativa de se forjar a imagem de um país que se queria (ou que alguém queria) "todo branco e católico", ideologia essa até hoje muito presente e no imaginário" (GOMES, 2012, p. 10). Dessa forma, a presença indígena na história do nosso país é relegada à época do descobrimento e invisibilizada nos dias atuais, o que inclui a invisibilidade da cultura indígena, concebida

como "outra cultura", que mesmo sendo considerada outra, quando conhecida, "revela muito sobre a 'nossa cultura'", as quais estão em constante interação, razão pela qual, segundo "Raimon Panikkar [...] seria o único modo de conhecer as culturas [realizando] um diálogo intercultural" (apud GOMES, 2012, p. 12, grifos da autora).

Em termos de políticas linguístico-educacionais, as voltadas às comunidades de línguas/culturas minoritárias alternaram "momentos de indiferença e de imposição severa de medidas prescritivas e proscritivas" (CAVALCANTI, 1999, p. 4). No século XVIII, por exemplo, o Marquês de Pombal, através do Diretório dos Índios (1758), estabeleceu que a única língua que podia ser falada era o português. Na sequência, o processo de imposição da língua portuguesa como única foi ratificado pela chamada política de nacionalização do ensino, implementada a partir de 1938, pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que fechou escolas e proibiu o uso de línguas indígenas bem como das línguas de imigrantes, principalmente alemão e italiano.

Como resultado desses processos, a língua portuguesa e a cultura eurocêntrica substituíram as outras línguas que eram faladas e culturas presentes no país por força de lei e também "de mecanismos sociais que ganharam força com a evolução dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, consequentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos" (CAVALCANTI, 1999, p. 6). Desse modo, justificamos este projeto considerando a importância de, a partir da realização de um levantamento do que se tem feito (que ainda é desconhecido) em termos de políticas linguístico-educacionais, no que diz respeito a pedagogias "outras", que tratam de línguas e culturas minoritárias aqui presentes a partir de um referencial teórico que se sustenta nos trabalhos de intelectuais indígenas, como Inácio (2010) e Benites (2012), sendo que a primeira trata da pedagogia Kaingang e o segundo, da pedagogia Guarani.

OBJETIVOS

- Maximalizar o alcance da produção de material de autoria indígena produzido oralmente;
- Contribuir para que a mesma informação veiculada oralmente possa abranger um grupo maior de pessoas do mesmo público-alvo, em outro formato.

- Adequar textos orais para a escrita, de modo que eles possam servir de base para trabalhos acadêmicos e para obras a serem publicadas na Coleção Retomadas, considerando o público-alvo dos materiais.

METODOLOGIA

As transcrições de vídeos de *lives* realizadas por indígenas são de extrema importância por várias razões: facilita que as pessoas acompanhem o conteúdo no seu próprio ritmo, permite que o conteúdo escrito chegue a mais pessoas, incluindo pessoas com problemas de audição que precisam ler para perceber o que está sendo comunicado, dentre outros. Pesquisas revelam que pouco depois de uma palestra de 10 minutos de duração, o ouvinte médio terá assimilado apenas metade de seu conteúdo; após 48 horas, provavelmente se lembrará apenas de 10% do que ouviu.

> A aquisição da leitura e da escrita implica, portanto, uma questão de cidadania, ao tempo que se revela como uma forma de inclusão social, ao possibilitar-nos a capacidade criadora e o posicionamento crítico do mundo no qual estamos inseridos. Desse modo, o domínio da língua oral e escrita amplia nossos horizontes, proporcionando-nos, sobretudo o acesso à informação e à produção do conhecimento (MORAIS, 2009, p. 1)

Portanto, desenvolvendo a oralidade em prol da reflexão e aquisição da escrita, nos leva a refletir sobre as inúmeras atividades, pois ao indígena expor suas ideias, automaticamente inicia um processo de construção de identidade como cidadão que tem voz, e que essa voz deve ser tanto ativa como respeitada.

A transcrição de áudio pode ser feita de forma literal, ou ainda adequando o texto oral a diferentes registros de escrita, conforme o objetivo que se pretenda alcançar com a transcrição.

Para Marcuschi (2001) "Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados" (MARCUSCHI, 2001, P.49)

Muitas pessoas que buscam por vídeos ou áudios gostariam de ter esse conteúdo por escrito, pois facilita retomá-lo e mesmo citá-lo, daí a importância de um vídeo transcrito, para que em outro momento seja possível lê-lo e encontrar as principais informações. Nesse caso, é mais prático ler do que ter de assistir ao vídeo por inteiro novamente.

As interações orais para a construção e ampliação da escrita nos levam a um caminho partilhado, onde a fala precede e dá fundamentação à construção, ampliação, entendimento da necessidade do registro escrito e seu valor e função social.

O texto oral passado para a escrita também pode oferecer a base para a produção de materiais escritos mais extensos, como livros, materiais acadêmicos (artigos, TCCs, dissertações, teses) de autoria dos próprios indígenas que produziram o material oral. Além disso, a transcrição de áudio também é eficiente no processo de documentação da produção desses autores, em um formato mais fácil de ser (re)transmitido e repassado, já que tanto arquivos de vídeo quanto de áudio muitas vezes podem exceder as dimensões disponíveis nas plataformas existentes.

Fazer a transcrição de material audiovisual ou de áudio de eventos e palestras realizadas por indígenas também possibilita que estes se tornem materiais escritos a serem divulgados na modalidade escrita de diversas formas (desde posts em redes sociais a livros, artigos) em um momento posterior, podendo ser acessado por ainda mais pessoas. É um trabalho que o Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI) considera fundamental para que a escrita de autoria indígena possa ser mais divulgada.

Como existem diversos tipos de transcrição (desde a que oferece uma versão escrita fiel de todos os elementos de áudio ou vídeo que constam em uma ação até a mais adequada à modalidade escrita), ela confere fidedignidade aos autos, o que agiliza e qualifica o trabalho.

A transcrição pode parecer muito simples, mas caso seja feita com descuido representa uma ameaça ao andamento do trabalho. Se no meio do trabalho uma palavra dita em vídeo seja transcrita errada, pode mudar todo o significado do que foi dito. Por isso a pessoa que transcreve tem que ficar muito atenta aos nomes dos povos citados, das pessoas que estão envolvidas e também atenta às normas gramaticais que fazem com que o texto da oralidade possa ser adaptado à modalidade escrita, ou seja, o tradutor deve transmitir as mesmas ideias, mas adaptando-as para a forma escrita.

RESULTADOS

As transcrições são de grande importância para auxiliar em trabalhos que envolvem os povos indígenas, considerando que sua expressão é essencialmente oral. Com as transcrições que já fizemos conseguimos apoiar a produção da escrita de trabalhos acadêmicos diversos (como capítulos de livros e artigos), o que possibilitou que autores indígenas produzissem material em maior quantidade e qualidade.

O CEAI continuará realizando mais transcrições de textos orais pois entende que esse é um trabalho que leva tempo e auxilia muito os autores indígenas a produzirem materiais escritos que as pessoas possam acessar nessa modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da variedade e quantidade de *lives* feitas dentro do próprio CEAI, como conteúdo produzido pelo próprio coletivo, a transcrição continuará sendo um trabalho importante e necessários, especialmente porque foca na temática indígena, que carece tanto de registro escrito de autoria dos próprios indígenas, os quais unicamente conseguem trazer seus conhecimentos que ampliam nosso entendimento da sociedade e de mundo.

APOIO

Gostaria de agradecer a agência da Fundação Araucária pela bolsa de extensão que concedeu.

REFERÊNCIAS

BENITES, T. **A escola na ótica dos Ava Kaiowá impactos e interpretações indígenas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. v. 500. 120p.

CAVALCANTI, Marilda C. Studies on bilingual education and schooling in Brazilian contexts of linguistic minorities. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Mar 2007.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Prólogo. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela. **Povos indígenas e escolarização**: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas. Rio de janeiro: Garamond, 2012.

MORAES, M.G. **Alfabetização** - Leitura do mundo, Leitura e Palavra - E Letramento : algumad aproximações, 2009